

A RUA EM MIM: MEMÓRIA URBANA NA POESIA DE FERREIRA GULLAR E JOÃOZINHO RIBEIRO

SILVANA MARIA PANTOJA DOS SANTOS*

RESUMO

A cidade comporta uma herança simbólica inscrita em seus elementos urbanizados, sendo a literatura o lócus de materialização desses componentes. Neste artigo, analisamos o processo de rememoração das ruas em *Poema sujo*, de Ferreira Gullar, e *Paisagem feita de tempo*, de Joãozinho Ribeiro. Adotamos como referência os escritos de Walter Benjamin (1989;1994) e Maurice Halbwachs (2006). Os sujeitos poéticos das referidas obras desenvolvem com as ruas uma relação de cumplicidade, de modo que homem e cidade se imbricam num emaranhado de vivências e lembranças, levando-os a se diluírem no corpo da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Rua. Memória. Poesia.

INTRODUÇÃO

“A cidade carrega
na garupa infante
algumas casas,
a maior madrugada.”

Cyro de Mattos

A cidade enquadra pontos de referência individuais e coletivos responsáveis pela formação da identidade do lugar, materializados em

* Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil. Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão/UEMA, São Luís, Maranhão, Brasil, e da Universidade Estadual do Piauí/UESPI, Teresina, Piauí, Brasil.

E-mail: silvanapantoja3@gmail.com Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1107-1336>

documentos, monumentos e componentes físicos (ruas, praças, becos, avenidas, moradas), sendo ela lugar que também abriga valores da tradição.

Também ressaltamos que longe de se limitar à condição de espaço habitado, a cidade é movida por práticas sociais e por formas relacionais do homem consigo e com os outros, bem como com os lugares de convivência. A funcionalidade da cidade dinamiza os espaços, especialmente as ruas, metonímias da própria cidade. Elas são, por excelência, espaços públicos marcados pela mobilidade e pela exibição de mercadorias. A relação que os sujeitos sociais estabelecem com as ruas permite a apreensão de seus sentidos, cuja pragmática os leva a descobri-la e, nela, se reconhecerem. Nesse sentido, o processo de rememoração das ruas em *Poema sujo*, de Ferreira Gullar, e *Paisagem feita de tempo*, de Joãozinho Ribeiro, é exemplar. Vale lembrar que ambos os poetas são da cidade de São Luís do Maranhão. Para tanto, questionamos: como os sujeitos poéticos de Ferreira Gullar e de Joãozinho Ribeiro leem as ruas da cidade antiga de São Luís? De que forma tais sujeitos as ressignificam?

Ferreira Gullar é membro da Academia Brasileira de Letras. Na década de 90, foi agraciado com o Prêmio Jabuti (categoria “poesia”) e o Prêmio Alphonsus de Guimarães (Biblioteca Nacional); em 2010, ganhou o Prêmio Camões de literatura pelo conjunto da sua obra. Além de poeta, foi também jornalista, roteirista de TV e crítico de arte. Também participou dos movimentos Concreto, Neoconcreto e da Geração de 45. Na década de 60 voltou-se para a poesia de engajamento político. Sua atuação no Cento Popular de Cultura (CPC), integrado à União Nacional de Estudantes (UNE), foi fundamental nessa tomada de direcionamento. Assim, perseguido pela ditadura militar, escreveu *Poema sujo* em Buenos Aires em 1976, seu último refúgio antes de retornar ao Brasil.

João Batista Ribeiro Filho, conhecido no meio artístico-cultural como Joazinho Ribeiro, é poeta, compositor e músico. O artista tem dado contribuições relevantes à cultura do Maranhão. Ao longo da sua carreira musical, participou de festivais de música popular; tem produzido shows dentro e fora do Estado. Nos anos 90, criou espetáculos carnavalescos junto ao Laboratório de Expressões Artísticas (Laborarte), grupo

maranhense de expressão artística independente fundado em 1972. Além do mais, desenvolve trabalhos no campo da música e da literatura. Joazinho Ribeiro continua em plena efervecência cultural, dentre as suas produções literárias destaca-se *Paisagem feita de tempo*, publicada em 1985, e sua produção literária ainda carece de crítica especializada.

Poema sujo e *Paisagem feita de tempo* têm em comum o afeto depositado sobre as ruas rememoradas, que despontam com sua gente, seus costumes, sobretudo com seus logradouros antigos. Ambos os sujeitos poéticos das referidas obras desenvolvem com as ruas uma relação de cumplicidade, de modo que homem e cidade se imbricam num emaranhado de vivências e lembranças, levando-os a se diluírem no corpo da cidade. Diz Gullar: “o homem está na cidade/como uma coisa está e outra” (2004, p. 102).

AS RUAS, PALCOS DE MEMÓRIAS EM *POEMA SUJO* E *PAISAGEM FEITA DE TEMPO*

No final do século XIX e início do século XX, a cidade passara por um processo desafiador: o da modernização, sacudida por políticas reformistas em nome do progresso, cujas investidas demandaram rápidas e profundas transformações no espaço urbano. A violenta transformação da paisagem citadina operou no psiquismo, desestabilizando o homem de sua segurança. Desfez-se, com isso, a confiança na cidade. A cidade passara, então, a ser incitada por questões contraditórias em torno de rupturas e permanências, problemáticas que, dentre outras coisas, levaram o homem a desmedidos deslocamentos, segregações, lacunas, desamparos.

O progresso chegou meio trôpego na capital maranhense, motivado pela força das máquinas e do mercado empresarial. Em fins do século XIX, a economia da cidade girava em torno do algodão, o que mobilizou empresários a importar maquinários obsoletos da Inglaterra. Iniciou-se a indústria têxtil na capital, sendo a Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Anil uma das mais significativas nesse processo. As reformas urbanistas tiveram início em meados da década de 30 do século passado, o projeto

incluiu alargamento de ruas, construção de avenidas como a Getúlio Vargas, criação da Ponte São Francisco que interliga a cidade antiga a novas áreas, além do surgimento de construções modernas, contrastando como os casarões coloniais do século XVII e XVIII da parte antiga da cidade. As reformas de ordem estético-higiênicas envolveram também o remodelamento dos serviços de arborização e jardinagem, foi o que ocorreu com as praças Gonçalves Dias, Antonio Lobo, Benedito Leite e da Alegria (BARROS, 2001).

No contexto de rápidas dinamicidades urbanas no Brasil, presenciamos na literatura uma atenção maior à cidade. Sua representação na poesia, e também na prosa, depende do modo como os sujeitos literários fazem do espaço urbano “um objeto que precisa ser decifrado, uma escritura que precisa ser lida”, assevera Ferrara (1988, p. 41). Aquilo que está sobre o texto-cidade: a cartografia urbana, desnuda aspectos históricos e culturais, bem como o cotidiano de vivências particulares e sociais por entre espaços, cujos rastros permanecem dando ciência à relação entre homem e cidade.

O ambiente urbano é um complexo de signos: os formais (a própria forma do objeto construído), os linguísticos (nome das ruas), os de propaganda (cartazes), os indicadores de direção, os estéticos (os materiais empregados, as características estilísticas de fachadas, jardins, iluminações, etc.), os contextuais (a situação urbana em que se localiza) e os signos usuários (a especificidade dos comportamentos humanos tomados como signo). (FERRARA, 1988, p. 45)

Desse modo, a cidade não pode ser concebida unicamente como agregação populacional, com demarcações funcionais. Sendo comparada a um texto, a cidade permite a apreensão de seus múltiplos significados, mediante a leitura/uso, sendo o próprio uso passível de leitura. Os significados da cidade perpassam as ruas e seus diferentes sentidos vão sendo registrados, ao longo dos tempos, pelos que nelas circulam.

O *flâneur*, perfil do homem moderno do século XIX, lentamente se deleitava com o espetáculo das ruas. Nada ficava imune ao seu olhar:

multidão, fachada de prédios, galerias, enfim, um mundo de embriaguez com novos locais comerciais, com “suas lojas e seus departamentos” que se tornava o espaço ideal a esse passeador aristocrata (BENJAMIN, 1989, p. 56). Em lugar do ritmo frenético das pessoas, atraídas pelos ruídos das engrenagens das fábricas que, maquinaalmente, iam ao encontro delas, o passeador lentamente deambulava pelas ruas envolto por uma aparente ociosidade, atitude que contrariava/contraria o dinamismo da cidade em torno da divisão de trabalho. Aparente ociosidade porque a *flânerie* não se confundia com o ócio. Apesar de não participar da força de produção, o passeador aristocrata não renegava a sua individualização.

Santos (2015, p. 207) afirma que as ruas “outrora foram palcos de desfiles de elegância de homens e mulheres inspirados na efervescência europeia, mas, acima de tudo, eram lócus de sociabilidades e de cordialidades”. Com o tempo, os cidadãos passaram a estabelecer com as ruas relações mais políticas do que sociais. Foram, então, perdendo a sensibilidade e o apego aos logradouros, dando lugar a outras formas de sociabilidades. No entanto, as ruas fazem parte das histórias dos habitantes do lugar, acompanham suas vivências tanto individuais quanto sociais e podem tornar-se parte integrante deles, ao ponto de permear seus imaginários, é o que evidenciamos nas elocuições dos sujeitos poéticos de *Poema sujo* e *Paisagem feita de tempo*. As produções apresentam pontos em comum em relação à estrutura: ambas se organizam em forma de versos na diagonal, com entradas e recuos; são estruturadas em torno de um único poema com extensão de mais de mil versos, peculiaridade que exige ritmos ininterruptos e frenético de leitura. Sobre a obra de Gullar, Vilaça (1998, p. 101) pontua que:

Poema sujo orchestra, em largo fôlego, quadros e sensações da infância e da adolescência vividas em São Luís do Maranhão – a outra personagem do poema. A costurarem esses quadros e sensações, as matrizes poéticas já conhecidas: a sensação vertiginosa do tempo [...].

De forma semelhante, *Paisagem feita de tempo* descortina paisagens da cidade de São Luís em meio ao cotidiano do lugar, as quais reverberam

imagens da infância do eu lírico que se confundem com as imagens da própria cidade. “Uma estrela feita de tempo/Atravessa a abertura da memória”, diz Ribeiro Filho (2006, p. 25). Assim como em *Poema sujo*, a cidade em *Paisagem feita do tempo* é a grande atração.

De ambas as obras desponta um mundo de vivências em espaços acolhedores. Delas se elevam a cartografia da cidade de São Luís provinciana ou a sua *fantasmagoria*, por onde deslizam cenas familiares que se revezam com a paisagem social.

Em *Poema sujo*, o eu lírico tem o corpo em movimento, toma distância para percorrer o presente na condição de “combatente clandestino”. Com isso, via memória, vai ao encontro de uma pulsão pretérita “meu coração de menino” que, por sua vez, dilata-se no corpo da cidade. Assim, o eu lírico perpetra em suas retinas a memória dá própria cidade. Com força poética, o sujeito vai se reportando a logradouros que guardam memórias individuais que se desdobram em coletivas.

Nem mesmo andando a pé
entre aquelas duas filas de porta-e-janela,
Meias-moradas de sacadas de ferro e platibandas
Manchadas de carunchos
(no vermelho
entardecer)

[...]

Descendo ou subindo a rua
mesmo que vás a pé
verás que as casas são praticamente as mesmas
mas nas janelas
surgem rostos desconhecidos
como num sonho mal

(GULLAR, 2004, p. 273).

As casas de portas-e-janelas ou meias-moradas são fileiras de casas antigas que se amontoam e se comprimem nas extremidades das calçadas, sem muros para ocultá-las. São casas consideradas de menor prestígio em meio aos casarões senhoriais de arquitetura colonial que emolduram o centro histórico, porém, como estes, acomodam histórias e memórias (SANTOS, 2015). São formas antigas que também resistem ao tempo “manchadas de carunchos”, mas que das janelas surgem rostos desconhecidos. Assim, a consciência poética reconhece que o tempo é produtor de mudanças e que as ruas também são suscetíveis ao acolhimento do novo. No excerto a seguir, o sujeito poético reporta-se a nomes de logradouros antigos da cidade:

Escorrego
No Beco do Precipício
Me lavo no Ribeirão
Mijo na Fonte do Bispo
na Rua do Sol me cego,
na Rua da Paz me revolto
na Rua do Comércio me nego
mas na das Hortas floresço
na dos Prazeres soluço
na da Palma me conheço

(GULLAR, 2004, p. 278).

As antigas ruas e becos remetem ao fluxo moroso da cidade. Muitos dos nomes excêntricos das ruas estreitas e tortuosas e de becos de São Luís estão associados às origens dos logradouros, outros surgiram do próprio traçado urbano ou do cotidiano do lugar, pois são nomes que permanecem no imaginário social, em detrimento daqueles que celebram personalidades, situação comum em muitas cidades brasileiras.

As ruas antigas de São Luís constituem-se de elementos primários que, segundo Rossi (2001, p. 4), apresentam qualidade, “dada pela sua insistência no lugar”. Elas resistem ao tempo; são “pontos de

referência” que acompanham a dinâmica urbana. Sendo as ruas antigas consideradas elementos primários, distinguem-se nas suas formas e nas suas excepcionalidades, resistem ao tempo e continuam integrando o núcleo de onde tudo começou. Ao analisar as ruas em obras de escritores brasileiros, Walty (2014) apresenta o olhar do narrador de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. O protagonista afirma que o nome Rua do Ouvidor surgiu em função da figura do ilustre Ouvidor Berquó e vai além: após personificá-la através de vários adjetivos a nomeia de Torre de Babel, pela sua condição cosmopolita em meio às inovações da modernidade.

1780... não esqueça a data, que marca o começo da época que tinha de ser tão gloriosa para a rua por excelência poliglota e enciclopédica, labirinto, vulcão, mina de ouro e abismo da fortuna, rainha dos postiços e das artes arteiras, fonte de belos sonhos, armadilha de enganos, et cetera, et cetera, et cetera, somando tudo – Torre de Babel (ALMEIDA, 2007, p. 65 *apud* WALTY, 2014, p. 47²).

As ruas são espaços físico-geográficos que estabelecem relações com os transeuntes. Delas, emana um sistema de signos e de linguagem que orientam deslocamentos e restringem usos e sociabilidades. Das ruas lembradas em *Poema sujo* vislumbramos uma relação muito estreita com o eu poético. De forma irreverente, ele vai perfilhando a cartografia de becos, fontes e ruas antigas da cidade: Beco do Precipício, Fonte do Ribeirão e do Bispo, Rua do Sol, dentre outras, e associando-os a suas vivências particulares, de modo que o corpo se recorta em camadas e se fragmenta pelo corpo da cidade. Essa simbiose faz dele um ser que se dilui nos espaços recortados.

Da obra *Paisagem feita de tempo*, as ruas antigas de São Luís, de nomes que remetem às origens dos logradouros, despontam em meio à cotidianidade: “prostíbulos da Rua da Estrela [...] beco da Rua do Giz/

² ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memória de um sargento de milícias*. São Paulo: Ateliê, 2007, apresentação e notas de Mamede Mustafá Jarouche.

incrustado na geografia urbana da Praia Grande” (2006, p. 73). São espaços que, no passado, eram delimitados por vivências de grupos segregados socialmente.

Há também uma outra lógica no detalhamento de nomes das ruas antigas pelos sujeitos poéticos de Joãozinho Ribeiro e de Ferreira Gullar: ao se fixarem nas permanências, ou seja, em antigos nomes consolidados pelo tempo, subjaz um desejo de impedir que topônimos se percam em meio a substituições por antropônimos. Em São Luís, ruas como a da Paz fora substituída por Coronel Colares Moreira; a da Saúde, por Coelho Neto; a das Hortas, por Siqueira Campos, dentre tantas outras. Apesar dessa condição, emerge na poesia um outro sentido: a consciência de que são justamente os nomes de outrora que se eternizaram na memória dos habitantes do lugar.

Paisagem feita de tempo faz entrever espaços da antiga São Luís – com seus cheiros, asperezas e lisuras – que perfazem a memória do lugar. A capa do livro instiga-nos a refletir sobre a memória da cidade que se expande liricamente ao longo de todo o poema. Acerca disso, Souza (2008, p. 130) explica: “Já pela capa vemos o tempo na paisagem, ‘São’ Azulejos de Luís. A presença do tempo marcada pelas pequenas ruínas nas flores azulejadas de verde. O título nos envia à temporalidade e à espacialidade vistas do ponto de vista poético”.

A paisagem contemplada no título comporta um tempo que não transcorre, concentrado nas lembranças do eu poemático de Ribeiro Filho (2006, p. 97): “É a paisagem da luta contra o tempo,/É a paisagem da luta pela vida [...] Esta paisagem também me costura”. Desse modo, o eu poemático não se sujeita ao absolutismo da cronologia cartesiana, antes, constrói sua própria lógica, atemporal, interior, em que se demora e enovela-se na caminhada ao encontro de si mesmo.

À proporção que evidencia cenas das suas vivências particulares, o eu lírico vai percorrendo a cidade e revelando não só aspectos físicos da *urbe*, mas também costumes, ofícios, desigualdades sociais e tradições do povo. A paisagem da velha cidade surge, com todo o seu vigor, enleada às aventuras daquele que se pronuncia.

Ao traçar a geografia dos logradouros antigos o sujeito lírico de *Paisagem feita de tempo*, assim como o de *Poema sujo*, ressignifica nomes que constituem a alma do lugar, “porque uma rua está para um bairro/ Assim como uma artéria para o coração.” (RIBEIRO FILHO, 2006, p. 24). Com isso, percebemos a importância e a atenção que o eu lírico dá à rua. Assim como as artérias são essenciais ao coração, devido ao papel de bombeamento sanguíneo, uma rua tem a sua importância ao bairro já que é nela que está a identificação dos habitantes do lugar. A rua na obra é, então, uma das aderências que liga indivíduos, famílias e grupos sociais entre si. Uma dessas resistências que não permite que memórias se percam no tempo.

Doce **Rua Afonso Pena**,
Onde o asfalto sepultou todas as pedras
E a minha espera/ esperança
De coar cerol na calçada,
De mármore encardido,
Do Hotel Imperial
(prédio com que a Caixa Econômica Federal
Inaugura hoje seu programa de moradia
No coração do Centro Histórico)

(RIBEIRO FILHO, 2006, p. 21, grifo nosso).

A Rua Afonso Pena, outrora denominada Rua Formosa, recebeu esse nome pela sua beleza, uma rua longa conhecida também como Estrada Real. Ela foi a primeira rua de São Luís a receber calçamento de cantaria “cabeça-de-negro”. A Rua Afonso Pena surge na poética de Joãozinho Ribeiro envolta por uma atmosfera de encantamento, cuja embriaguez leva o eu lírico a senti-la como uma eterna companheira que abriga lembranças da infância. Bachelard (1993) considera que o espaço íntimo é algo que surge no interior do sujeito, através dos afetos que os interligam. A rua “doce” desponta do interior do ser entremeadada de brincadeiras da meninice, evidentes nas aliterações “coar cerol na

calçada”; desponta também na consciência de que a rua se modificara: “Onde o asfalto sepultou todas as pedras”.

O mundo moderno traz a consciência do progresso, assim uma nova ordem se instaura na organização social e a rua, ao se modernizar, ganha novos elementos urbanizados, como o asfalto sobre as pedras e a inauguração do novo programa de moradia da CEF, registrados no corpo do poema. No poema, chama a atenção o uso do advérbio de tempo “hoje”, o que nos leva a pensar sobre a simultaneidade temporal tão difundida por Benjamin (1994), ou seja, o passado evidencia-se em ranhuras, marcas que não se dissipam e que se deixam entrever no presente.

A rua recebe o olhar do eu lírico em *Paisagem feita de tempo* sobre o presente (tempo das mudanças), o que o faz despertar para o passado (tempo das lembranças). A dialética entre a rua que subsiste nas lembranças e a mesma que se moderniza, resulta na impossibilidade de apreensão da sua essência, desencadeando a *fantasmagoria* do lugar. Como acrescenta Benjamin (1994), a experiência do choque, como uma vertigem, imobiliza os sujeitos diante da visão fugidia que presenciam. No excerto a seguir, o cotidiano das ruas emerge nas lembranças do eu lírico a partir do traçado do bonde.

Rua por onde sobrava o **bonde**
No canto do Café Escudo
E a seguir a Jacinto Maia
Reduzindo à poeira de vidro
Os cacos de porcelana
Que assassinávamos
Em seus trilhos

(RIBEIRO FILHO, 2006, p. 21, grifo nosso).

Halbwachs (2006) denomina memória coletiva um conjunto de recordações construído em um determinado meio que transcende o individual, passando a ser um eixo social construtivo. Isso significa que mesmo que a memória, invariavelmente, seja individual, ela remete ao grupo, haja vista que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos

são lembradas por outros, ainda que se trate de evento que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nos vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Dessa forma, a memória individual está enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes. A rua na poética de Joãozinho Ribeiro é, então, uma das aderências que liga indivíduos, famílias e grupos sociais. Uma dessas resistências que não permite que as lembranças se percam no tempo. No âmago da eferescência da cidade que se moderniza, dos contrastes, do efêmero, o eu lírico tem consciência da perda da totalidade pela fragmentação e dispersão: a rua antiga sobrevive, ainda que de forma residual, sob “poeira de vidro” e “cacos de porcelana”.

O verso “rua por onde sobrava o bonde” evidencia a presença indispensável do veículo à conjuntura urbana. Ao ser mencionado poeticamente, o bonde desliza por entre trilhos e parece dar o seu testemunho sobre a cotidianidade das ruas. Segundo Walty (2014), Olavo Bilac na sua condição de cronista vê o bonde como sinônimo da modernidade. Nesse particular, o veículo eliminou as diligências “limitou despoticamente a esfera da ação das caleças e dos *coupés*, tomou conta de toda a cidade” (BILAC, 1997, p. 435 *apud* WALTY, 2014, p. 62³). Sobre essa onda de disseminação do bonde, o sujeito poético de Gullar expõe:

- enquanto o bonde Gonçalves Dias
descia a Rua Rio Branco
rumo à Praça dos Remédios e outros
bondes desciam a Rua da Paz
rumo à Praça João Lisboa
e ainda outros rumavam
na direção da Fábrica, Apeadouro,
Jordoa
(esse era o bonde do Anil
que nos levava
para o banho no rio Azul)

(GULLAR, 2004, p. 261).

³ BILAC, Olavo. *Obras reunidas*. Org. Alexei Bueno, Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1997.

Dentre os bondes que trafegavam pela cidade, o sujeito lírico destaca aquele que lhe traz afinidades e lembranças particulares: o bonde do Bairro Anil. Susurra, então, entre parênteses, como uma forma de dar maior visibilidade a essa singularidade. O “bonde do Anil” conduz a um bairro que acolhe um patrimônio particular⁴, qual seja, o Rio Anil. Sendo patrimônio particular, o Rio Anil acolhe vivências individuais, como os banhos costumeiros do eu lírico na companhia dos amigos, rio que mais tarde fora definindo em função do progresso. Além disso, o sujeito poético coloca, no mesmo plano, os bondes que circulavam em áreas burguesas e suburbanas, como o “bonde do Anil”. Assim, o bonde torna-se um elemento urbano que aparenta diluir as dissiparidades sociais. Ao se reportar ao bonde que trafegava pela Rua do Ouvidor o narrador de Bilac o coloca como diluidor de preconceitos, capaz de acolher todas as camadas sociais. Walty (2014, p. 62), ao interpretar essa condição do narrador bilaciano, diz:

Trata-se do sonho de democracia social, em que conviveriam “as grandes damas” e “as criadas de servir”, “o capitalista gostoso” e “o trabalhador esfomeado”, “a matrona opulenta” e “a costureirinha humilde”, “o estudante brejeiro” e “o estadista grave”, “o poeta” e “o banqueiro”. Observa-se no texto o tom retórico inflamado das loas ao veículo que representaria o progresso e suas benesses.

Nessa perspectiva, o bonde elimina a distância entre as camadas sociais ao acolher tanto os cidadãos da elite quanto aqueles pertencentes às classes mais baixas da sociedade, isso faz dele um condutor da democracia.

As ruas, além de portadoras de elementos que ambientam a cidade como os bondes, permeadas de afeto pelos sujeitos poéticos de Joãozinho Ribeiro e de Ferreira Gullar, colocam-se também como segregadoras e veiculadoras das marcas de desigualdades sociais. Segundo Walty (2014, p. 107),

⁴ Rossi (2001) faz distinção entre patrimônio público e particular. O primeiro é reconhecido pelo seu valor social: fazer parte da conjuntura urbana e acompanhar a evolução da cidade; o segundo, sem perder o caráter social, acolhe vivências particulares que passam a ter valor pela relação de intimidade, o que reforça o processo de personalização.

Entende-se que a literatura não só acolhe o movimento da rua, como ela própria se faz rua em sua contradição entre o aplainamento e a diversidade, entre a pavimentação e a presença de buracos. Na construção desse espaço inscrevem-se as relações assimétricas de poder a fortalecer ou borrar os limites entre centro e periferia.

Na conjuntura urbana, são muitas as dissimilaridades entre as ruas de bairros elitizados e as da periferia. Os problemas que envolvem as ruas de bairros periféricos vão dos buracos à falta de saneamento básico; de construções precárias à falta delas; de atividades não remuneradas àquelas consideradas “indignas” pela sociedade, como se pode constatar no excerto a seguir:

Por ali também minha tia Dudu
Vendia mingau de milho
Na porta dá casa grande,
Enquanto as outras do “mata ôme”
Atraíam os barqueiros atrasados
Pros mares de seus encantos
De muitas noites navegados.

(RIBEIRO FILHO, 2006, p. 23).

E a trilha do Caminho Grande
Que conduzia para a Praça João Lisboa
As vidas das pessoas
E os acontecimentos oficiais
Enquanto a vida não-oficial
Era erguida nos casebres da Coreia,
No Porto de Roma Velha,
Na feira do Areal
E na simplicidade dos habitantes
Dos bairros do Anil e João Paulo

(RIBEIRO FILHO, 2006, p. 39)

No primeiro excerto, ao inserir a “tia Dudu” e as prostitutas do “mata ôme” no mesmo espaço, nivela-as à mesma condição ou à falta dela, qual seja, uma vida que carece de mais dignidade. São sujeitos que vivem da economia informal e da exploração do corpo para sobreviver, o que cria uma memória grupal dos desassistidos socialmente, enraizados em espaços segregados e estigmatizados, com a presença de diferentes participantes. Essa condição intensifica os contrastes e acentua “a polarização social da cidade”, diz Wacquant (2005, p. 31). O sociólogo acrescenta: “a exclusão contínua e permanente de grande quantidade de pessoas do mercado assalariado e o crescimento paralelo da economia informal nas áreas urbanas decadentes são dois indicadores convergentes [...] para quem o avanço econômico se traduz em uma regressão das condições materiais e das oportunidades de vida”. (p. 31)

No excerto seguinte, as ruas são marcadas pelo contraste entre a zona oficial que abriga as atividades burocráticas em torno da Praça João Lisboa, localizada no centro da cidade, e as zonas periféricas da “vida não-oficial”, em que se destacam os “casebres” e a “simplicidade dos habitantes” de bairros mais afastados. Como diz Walty (2014, p. 124), “são faces sociais a exibirem pontos da rede urbana, como as instituições que a sustentam”. Dessa forma, fica evidente que as ruas não apresentam meras caracterizações físicas, pois são lugares que também registram os contrastes urbanos, além dos costumes, ofícios, dentre outros, por meio da sua cotidianidade, verdadeiras cartografias simbólicas que aguçam o imaginário e a subjetividade.

Porque a madrugada está na Cidade
E a Cidade também está nela,
Se espreguiçando
Nas bancas do Mercado Central,
Nos quiosques do Portinho
Assumindo sua própria forma e cor

Na madrugada se engalfinham
Os últimos suspiros da noite

Com a vontade de ser dia

[...]

Manhã necessária

Para a movimentação do calendário

Das pernas,

Das rodas,

Da cidade

E do povo

(RIBEIRO FILHO, 2006, p. 43).

A imagem da madrugada em seus últimos suspiros vai anunciando o amanhecer e, juntamente com ela, o agitar do Mercado Central e os quiosques do Portinho, locais de feira que entrelaçam o burburinho dos vendedores ambulantes ao dos transeuntes e fregueses, espaços com todos os seus ofícios sendo exercidos. Enfim, uma manhã necessária para a movimentação do calendário.

O ideal de modernização atinge a cidade atrelado à ideia de ruptura com o passado. O antigo Mercado Central fora demolido para dar lugar a um novo com ares modernos. Assim como outras capitais brasileiras, São Luís almejava integrar a imagem do país ao utópico e global sonho do progresso.

Assim, vemos que em *Poema sujo* e *Paisagem feita de tempo* as lembranças dos sujeitos poéticos giram em torno de ruas antigas que constituem o núcleo urbano, do qual emana uma rede de relações afetivas, uma espécie de reservatório cujos componentes são experiências vividas em um mundo primigênio, que faz entrever as relações passado/presente, bem como os movimentos urbanos e os contrastes que dele surgem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ferreira Gullar e Joãozinho Ribeiro têm em comum produções poéticas que põem a cidade como foco de suas percepções, permeadas

de sentimentos e emoções decorrentes do viver urbano. Suas cidades construídas com linguagem intercambiam memórias inscritas em logradouros antigos e nos rastros que se inscrevem em seus ângulos.

Ao aproximar as visões dos sujeitos poéticos de Ferreira Gullar e de Joãozinho Ribeiro é perceptível que as lembranças de ambos se reportam às ruas da parte antiga da cidade, onde tudo começou. Isso significa que as cidades se dilatam, expandem-se, tornam-se labirínticas, mas não se desvencilham do núcleo, das suas origens, assim como as raízes que permanecem conectadas aos caules.

A cidade na literatura aspira uma vitória sobre o tempo. O passado dela é repensado por meio da subjetividade poética, a partir das marcas deixadas em elementos urbanizados dotados de sentido no presente. Lembrando Benjamin (1994), o tempo é uma caminhada que avança numa sucessão de acontecimentos, como uma flecha, mas também como espiral, permitindo o retrocesso. Mas como retroceder no tempo? Benjamin explica que o retrocesso é possível quando vemos o passado a partir do modo como ele nos impacta no presente, é isso que possibilita o diálogo e a sua atualização. Os bens da cidade, revitalizados, especialmente as ruas, quer seja pelo restauro ou pela percepção poética, possibilitam a valorização do patrimônio e da memória do lugar.

Podemos dizer então que, no dizer poético, a cidade é suscetível a leituras memorialísticas. Seus logradouros constituem-se de paisagem simbólica por onde perpassam memórias. Com o passar do tempo, um conjunto de significados e experiências particulares dão origem à memória coletiva e passam a fazer parte do patrimônio cultural do lugar.

THE STREET IN ME: URBAN MEMORY IN THE POETRY OF FERREIRA GULLAR AND JOÃOZINHO RIBEIRO

ABSTRACT

The city has a symbolic heritage inscribed in its urbanized elements, with literature being the locus of materialization of these components. In this work, we analyze the process of reminiscing the streets in *Poema Sujo*, by Ferreira Gullar,

and *Paisagem feita de tempo*, by Joãozinho Ribeiro. We adopted the writings of Walter Benjamin and Maurice Halbwachs as a reference. The poetic subjects of the aforementioned works develop a relationship of communion with the streets, so that man and the city are intertwined in a tangle of experiences and memories, leading them to become diluted in the body of the city.

KEYWORDS: City. Street. Memory. Poetry.

LA CALLE EN YO: LA MEMORIA URBANA EN LA POESÍA DE FERREIRA GULLAR Y JOÃOZINHO RIBEIRO

RESUMEN

La ciudad porta una herencia simbólica inscrita en sus elementos urbanizados, siendo la literatura el sitio de materialización de estos componentes. En este artículo analizamos el proceso de rememoración de las calles en *Poema sujo*, de Ferreira Gullar y *Paisagem feita de tempo*, de Joãozinho Ribeiro. Tomamos como referencia los escritos de Walter Benjamin (1989; 1994) y Maurice Halbwachs (2006). Los sujetos poéticos de las obras mencionadas, desarrollan una relación de complicidad con las calles, así que el hombre y la ciudad se enlazan en un enredado de vivencias y recuerdos, haciendo que se diluyan en el cuerpo de la ciudad.

PALABRAS - CLAVE: Ciudad. Calle. Memoria. Poesía.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, Valdenira. *Imagens do moderno em São Luís*. São Luís: Stúdio 11, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas III).

- FERRARA, Lucrecia D'Alésio. *Ver a cidade*. São Paulo: Nobel, 1988.
- GULLAR, Ferreira. Poema sujo. In: GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. A memória da cidade. Tradução Beatriz Sidou: Centauro, 2006.
- RIBEIRO FILHO, João Batista. *Paisagem feita de tempo*. São Luís: SIOGE, 2006.
- ROSSI, Aldo, *A arquitetura da cidade*. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. *Literatura e memória entre os labirintos da cidade: representações na poética de Ferreira Gullar e H. Dobal*. São Luís: Editora da UEMA, 2015.
- SOUZA, Valmir de. *Cultura e literatura: diálogos*. São Paulo: Ed. do Autor, 2008.
- VILLAÇA, Alcides. Gullar: a luz e seus avessos. In: INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de literatura brasileira: Ferreira Gullar*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1998. (n. 6).
- WACQUANT, Loic. *Os condenados da cidade*. Tradução João Roberto Martins Filho et al. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- WALTY, Ivete Lara Camargos. *A rua da literatura e a literatura da rua*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

Submetido em 30 de junho de 2020

Aceito em 03 de novembro de 2020

Publicado em 14 de fevereiro de 2021
